

brilho tóxico

série *geniis* – livro 1

inês rodrigues e melo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



*Para todos os que se sentem demasiado diferentes, sem um lugar no mundo.
Lembrem-se que, algures, há um Ninho à vossa espera.*

*Para todos os que têm um sonho. Não acreditem que se irá realizar.
Façam-no acontecer!*

Para o meu Ninho — a minha Babícia e a minha Monstrinha.

*Para os que amam ler com música, ou simplesmente associar músicas
a personagens, casais, momentos, ou ao próprio livro
— encontras uma playlist já a seguir.*

PLAYLIST§

BRILHO TÓXICO

Iris | The Goo Goo Dolls

Paradise | Coldplay

Bad Dream | Ruelle

Ballerina | Malou Prytz

Superheroes | The Script

The Last of Her Kind | Peter Gundry

Battlefield | SVRCINA

Man or a Monster (feat. Zayde Wolf) | Sam Tinnesz, Zayde Wolf

The Vampire Masquerade | Peter Gundry

Survivor | 2WEI, Edda Hayes

AMOR AETERNUS

Arcade (feat. FLETCHER) | Duncan Laurence, FLETCHER

The Last Time (feat. Gary Lightbody of Snow Patrol) (Taylor's Version)
| Taylor Swift, Gary Lightbody

Love is Gone — Acoustic | SLANDER, Dylan Matthew

Hold On | Chord Overstreet

Dandelions — slowed + reverb | Ruth B

War of Hearts | Ruelle

Infinity | Jaymes Young

Run to You | Lea Michele

If You Love Her | Forest Blakk

Perfect | Calum Scott

Come Back Home | Sofia Carson

Saturn | Sleeping At Last

PRÓLOGO

NOVEMBRO DE 2009



Naquela noite, lembro-me de despertar com um brilho forte a incidir-me no rosto. Pensando tratar-se da luz do Sol, a minha primeira reação foi girar na cama e abraçar-me à almofada, tentando abafar a luminosidade e dormir mais um pouco.

No entanto, não eram os raios de sol que me incomodavam, nem sequer era de manhã ainda. Ao abrir os olhos, descobri que a fonte do brilho era, na verdade, o meu colar! Segurei a medalha que pulsava entre as minhas pequenas mãos, emanando uma luz azulada, e não consegui desviar o olhar, hipnotizada.

Despertei do meu transe ao ouvir passos rápidos no corredor, escondendo-me debaixo dos lençóis quando escutei a porta a abrir. Senti os cobertores serem puxados de cima de mim para, então, ver o rosto da minha mãe, parcialmente iluminado pelo meu colar, refletindo angústia e alívio ao mesmo tempo.

— Estás aqui! — exclamou, abraçando-me com força. Afastou-se, franzindo o sobrolho ao reparar no colar. Os seus dedos pousaram na medalha e o olhar prendeu-se no meu por uns segundos, mas então sacudiu a cabeça e continuou apressadamente: — Filha, ouve-me com muita atenção. Preciso que me faças um favor e rápido. Pega na tua irmã e escondam-se no armário.

— Mas, mãe...

— Não há “mas”, Iris. Faz o que te digo e já! Não saias de lá a não ser que eu ou o pai te venhamos buscar! Está combinado? — pede-me, com as mãos a tremer e os olhos a dançar, suplicantes.

A ansiedade e urgência na sua voz impediram-me de prosseguir com perguntas, fazendo-me, ao invés, assentir. Com medo, e sem saber o que tudo aquilo significava, coloquei os braços ao redor do seu tronco, apertando-a o

mais que podia. A minha mãe, por sua vez, pousou a sua cabeça na minha, encostando os lábios nos meus cabelos.

OuvIU-se um estrondo do lado de fora da porta, fazendo ambas estremecer, e agarrei-a com mais força. *Não quero ficar sozinha. Não quero que me deixes*, pensei, fechando os olhos e desejando que estivesse a viver apenas um pesadelo do qual acordaria em breve. A minha mãe, contudo, soltou-me, e os seus dedos pararam brevemente na medalha que vibrava no meu pescoço.

Levantou-se, virando-se para a cama da minha irmã, Katherine, e fez-lhe uma carícia no rosto.

— Amo-vos às duas! — sussurrou num tom rouco que denunciava estar tão à beira das lágrimas quanto eu.

Correu para a porta, mas antes de sair virou-se outra vez para mim e mostrou-me meio-sorriso, que não consegui corresponder. Uma lágrima escorreu-me pelo rosto e eu limpei-a.

Com cuidado para não espantar Katherine, coloquei os braços por baixo do seu pequeno corpo e carreguei-a para o nosso guarda-fato. Trepei lá para dentro, sentando-me com as pernas cruzadas e a sua cabeça encostada nelas.

O ar no interior era pesado e abafado, o que fazia com que fosse difícil respirar. Não que o conseguisse fazer, sentindo o medo e a confusão a correr-me nas veias.

O barulho proveniente do exterior continuou durante alguns minutos, ou talvez segundos... Não me recorde muito bem, contudo lembro-me de estremecer com cada som. E, quando ouvi um grito estridente que tive a certeza ser da minha mãe, seguido de um silêncio arrepiante, não me contive. Depois de secar outra vez as bochechas molhadas, deitei a cabeça de Katherine num monte de roupa e saí do armário, seguindo para a porta em bicos de pés.

Coloquei a mão na maçaneta e girei-a o mais lentamente possível, tentando não fazer som nenhum, ainda que os meus dedos tremessem. Uma vez aberta, espreitei para o lado de fora e tudo parecia calmo. *Demasiado calmo...*

O corredor estava iluminado apenas pelas luzes que provinham do andar de baixo. De mansinho, saí do quarto e olhei para os dois lados, mais apreensiva com o silêncio do que com o alvoroço anterior. Tudo parecia igual, à exceção de uma fotografia nossa que estava partida e caída no cimo das escadas.

Antes que me pudesse mexer, um movimento atrás de mim despertou-me a atenção. À minha frente, a apenas alguns metros, encontrava-se o que me parecia ser um homem, alto e pálido, envergando vestes escuras. Toda a sua figura era assustadora e, ao aproximar-se de mim, pude ver que

das suas presas afiadas pingava um líquido vermelho. Foi então que o pânico assentou e realmente temi por mim e pela minha família.

Os olhos negros do homem fixaram-se em mim e ele sorriu maliciosamente antes de falar.

— Vejam só quem encontrei... A *genii*... De facto, para alguém tão pequeno, és bem difícil de encontrar.

Deu um passo em frente e eu recuei dois, sentindo a minha respiração tornar-se cada vez mais descompassada.

— Por favor, não me magoe — supliquei num murmúrio.

O homem soltou uma risada e correu na minha direção, prensando-me bruscamente contra a parede, o que me fez gritar.

— Vou levar-te a conhecer o meu amo...

— Onde estão os meus pais? — perguntei alarmada, com olhos arregalados, mas imóvel, demasiado assustada para agir. Lágrimas gordas escorriam-me pelo rosto e isso parecia dar-lhe ainda mais satisfação.

O homem riu-se com malícia uma vez mais e lambeu os dentes.

— Não te preocupes, minha querida. Não terás de voltar a vê-los — respondeu e estas palavras levaram-me a debater, em desespero, no seu aperto, gritando pelos meus pais. Mas a minha força não se poderia comparar à sua, eu era uma pena nas suas mãos.

— Quietinha. Podemos fazer isto a bem, dentro do possível... — murmurou junto ao meu ouvido. Sosseguei, assustada, chorando baixinho.

Naquele momento, o meu atacante foi envolto numa neblina brilhante que o fez soltar-me e cair de joelhos, a contorcer-se de dor. Assustada, agachei-me, e foi então que os meus olhos pousaram noutra criatura. Um homem, apenas um palmo mais alto do que eu, encontrava-se do outro lado do corredor. No entanto, ao contrário do que se debatia no chão, por algum motivo, este eu não temia.

O seu cabelo era verde seco, os fios curtos e brilhantes, revelando as suas orelhas pontiagudas. O castanho dos seus olhos era acolhedor e lembrava-me terra molhada num dia de outono.

Ele sorriu docemente e apontou para a porta que eu deixara entreaberta, enquanto se dirigia para o meu atacante, que gemia no chão. Com passos firmes, segui para o meu quarto, como se uma mão invisível me empurrasse, mas parei antes de entrar, sem saber se deveria voltar para junto da minha irmã ou procurar os meus pais.

Nestes breves instantes, uma luta começou entre eles. O homem de dentes afiados armava-se sobretudo da sua força e velocidade sobrenatural,

enquanto o de cabelo verde fazia uso das suas mãos mágicas, criando correntes de fumo reluzente em torno do primeiro, que pareciam atordoá-lo.

Assim continuaram durante algum tempo e eu não me conseguia desprender do que se passava diante de mim. Sentia o coração a bater na garganta. Estavam num impasse: sempre que um conseguia atacar, o outro defendia-se ou recuperava rapidamente o suficiente para prosseguir com a batalha.

Desesperada para que tudo acabasse, pousei o olhar num vaso em cima do aparador. Sabia que era valioso, mas naquele momento não importava. Corri até ele e agarrei-o, arremessando-o contra o homem das presas.

A criatura virou-se para mim com uma expressão de ódio e caiu novamente no chão, de olhos entreabertos. O meu herói sorriu-me, retirou uma bolsa das calças e soprou o conteúdo para cima do outro, cuja pele começou a ficar cinzenta. A seguir, pousou uma mão no meu ombro, fixando o olhar no meu, e disse com um tom de voz convicto e aliviado:

— Agora estás segura, Iris.

Uma onda de tranquilidade espalhou-se pelo meu corpo e tudo ao meu redor tornou-se escuro.

1

Somnium · SONHO

J U N H O D E 2 0 2 3



É o som dos gritos que me desperta... Encontro-me novamente sentada na cama, sobressaltada, com a respiração descompassada e suores frios a escorrerem-me pelas costas. Tento respirar “normalmente”, como me ensinou a psicóloga, mas não funciona, nunca funcionou.

Por mais inspirações profundas que dê ou pensamentos positivos que tente ter, nada consegue apagar o pânico que me queima por dentro depois de um pesadelo. O mesmo pesadelo que tenho tido constantemente nos últimos treze anos — as minhas memórias daquela noite.

Seguro a medalha do meu colar entre os dedos, apertando-a em busca da sensação de calma que me traz. Não é instantâneo, mas ao fim de alguns minutos quase me sinto bem. Nunca mais brilhou desde aquela noite e muita coisa mudou desde então.

Os meus pais morreram. Ninguém acreditou na minha história, considerando que eram apenas fantasias de uma menina pequena e traumatizada. As suas mortes foram atribuídas a um assalto que correu mal, o caso arquivado por falta de provas.

Apesar de saber o quão louco foi o que vi, não me conformo com a ideia de que foi só isso que se passou. Aquele homem não era um simples assaltante, afinal nada foi roubado. Estava à minha procura e encontrou-me, não me tendo levado consigo, ou feito sabe-se lá o quê, apenas porque a outra criatura apareceu.

Por vezes, começo a acreditar no que dizem, que é tudo fruto da minha imaginação e trauma, porém regressam os sonhos e com eles as imagens e

teorias do que se terá sucedido. Acabei por me tornar numa entusiasta do mundo sobrenatural, até mesmo da mitologia e do folclore, mas, como as pessoas já me achavam suficientemente estranha, investigava em segredo. E também pelo bem de Katherine e da minha madrinha, que não achava muito saudável este meu “passatempo”.

Melissa tinha apenas trinta e dois anos quando ficou com a nossa guarda. Era como uma irmã para a minha mãe e, apesar de jovem e em idade de começar a sua própria vida, quis cumprir aquilo que prometera à melhor amiga — tomar conta de nós caso algo acontecesse. Claro que não se esperava que fosse necessário; no entanto, Mel não hesitou em acolher-nos. Casou-se há alguns anos com George, um homem muito carismático que, como ela, se preocupa bastante connosco. Não são os meus pais, mas certamente nos fazem sentir, a mim e a Kat, parte da família.

Os meus olhos pousam no caçador de sonhos que pende na cabeceira da cama e solto uma risada. A minha madrinha ofereceu-mo logo que nos mudámos para cá. Nessa altura, os pesadelos eram constantes e as várias tentativas de solução pouco eficazes. Sendo uma pessoa espiritual, Melissa acabou por me comprar um, na esperança de que me fosse trazer algum sossego. Coincidência ou não, essa foi a primeira noite em que realmente consegui dormir e, desde então, os pesadelos têm-se tornado mais espaçados e as recordações que deles tenho mais vagas.

Tal como faço todas as manhãs, pego na fotografia que tenho na mesa de cabeceira — minha, de Kat e dos meus pais. Mostra bem o quão diferente e deslocada sou da restante família. Todos com os seus cabelos loiros quase lisos, contrastando com os meus escuros caracóis. Apenas os olhos me denunciam como parte da família, se bem que esses também têm a sua particularidade...

Nós os quatro temos olhos castanhos: o meu pai um tom tão escuro que por vezes se confundia com preto, enquanto a minha mãe tinha uma tonalidade mais calorosa, a mesma que agora vejo nos olhos de Kat. Já eu sofro de uma condição chamada heterocromia — o meu olho direito é totalmente castanho, mas o esquerdo é em parte azul.

Sempre me disseram que eu puxava em aparência para a minha avó materna, a qual tinha ascendência latina. Infelizmente, já não era viva quando nasci e, com certeza, as fotos antigas e gastas pelo tempo não fazem jus à sua beleza.

De qualquer forma, esta fotografia é uma das minhas preferidas. Foi das últimas que tirámos juntos e é especial para mim porque não estamos

a pousar. É um momento genuíno de brincadeiras nossas num piquenique, que o meu padrinho imortalizou com a sua máquina fotográfica. Sorrio melancolicamente enquanto as memórias se desenrolam na minha mente.

À NOITE E APÓS UM LONGO DIA A ENSAIAR COM OS MEUS MELHORES AMIGOS, e parceiros de dança, Caleb e Olivia, sinto-me cansada, dorida, mas com energia a pulsar-me nas veias. Decido, portanto, que, já que não posso ir ao estúdio amanhã, por ser domingo, vou aproveitar para fazer uma longa caminhada.

Sempre me distraio e tenho algum tempo a sós. Se bem que não há mesmo nada que me faça sentir tão despreocupada e livre quanto dançar...

Inicialmente, foi um passatempo em que a minha mãe me colocou. Depois de ter partido, continuei a ir, pois queria homenageá-la. Ficava emocionada quando me via dançar, mesmo que naquela altura não fosse muito boa, e costumava dizer que me adorava ver com um tutu. Ao fim de algum tempo, o *ballet* tornou-se o meu escape, aquilo a que recorria se tinha um dia ou simplesmente uma manhã má. E, agora, aqui estou eu, não só a dançar, mas a começar a dar os primeiros passos como professora, tentando passar este mesmo sentimento de paz e liberdade aos meus alunos “em miniatura”.

Não sei se existe uma vida para além desta, no entanto, espero que, onde quer que estejam, os meus pais me possam ver e se sintam orgulhosos de mim e Katherine.

NA MANHÃ SEGUINTE, LEVANTO-ME CEDO, COM BOM HUMOR E A MESMA vontade de ir caminhar. A noite foi surpreendentemente calma, sem sonhos, apenas sono regenerador e bastante necessário.

Desço as escadas duas a duas a cantarolar e encontro Melissa na cozinha.

— Bom-dia! Parece que alguém acordou bem-disposta. E com motivação. Se ao menos eu tivesse um terço disso...

Dou uma risada e abano a cabeça, respondendo-lhe:

— Bom-dia, Mel. Há que aproveitar, sabes que também é raro que acorde assim. E não te martirizes, estás ótima e fazes bastante cá em casa. Coisa que outras pessoas, sim, precisam de arranjar motivação para...

— Oh, Iris... Sabes como é a tua irmã. Deixa-a aproveitar as férias. Ela já ajuda se não desajudar, que é, convenhamos, o que acontece quando ela tem uma vontade imensa de colaborar. — Rimo-nos as duas, lembrando-nos do quanto desajeitada e melga Katherine pode ser. — E tu não te esqueças de levar

o telemóvel. Põe o som alto e preferia que ligasses o GPS, se não for pedir muito.

— Credo, madrinha. Quem te ouvir pensa que vou embarcar nalguma missão secreta e não dar apenas uma volta pelo bairro.

Melissa suspira e levanta-se da mesa, pondo as mãos nos meus ombros.

— Pois, mas eu sou a tua madrinha e tenho o direito e dever de ficar preocupada. Sabes que há muitas coisas que podem acontecer, não é?

Ela deixa a pergunta em aberto e percebo perfeitamente a que se refere. Preferindo não divagar nesse sentido, assinto. Dou-lhe um beijo na bochecha, mostrando o telemóvel já preparado na minha bolsa de cintura.

— Estou bem equipada, não te preocupes. Até logo! Devo chegar dentro de duas horas no máximo. Ou seja, assim que Kat acordar...

Uma vez cá fora, inspiro profundamente, apreciando o ar morno da manhã. Vivo num bairro suficientemente afastado da cidade e de toda a sua confusão. Por vezes pode ser aborrecido, porque não posso simplesmente sair para ir buscar meia dúzia de coisas à mercearia sem precisar de carro ou de andar uns bons minutos. Contudo, definitivamente preza por proporcionar momentos destes, em que, se me concentrar, consigo ouvir um ou outro passarinho, sem o constante roçar de pneus no alcatrão, buzinas e azáfama da cidade.

Sigo em passo relativamente apressado pelas várias ruas, nas quais não vivi os primeiros dias da minha vida, mas na verdade a maior parte dela.

A casa dos meus pais ficava numa zona um pouco mais rural, onde quase todas as pessoas se conheciam. Provavelmente por isso é que a minha “história” foi mal recebida e considerada totalmente descabida, acabando o caso arquivado. Foi também isto que motivou Melissa a tomar a decisão de lá sairmos.

Não que os rumores não me tivessem assombrado na mesma, ficando para sempre conhecida como a “miúda traumatizada cujos pais foram mortos”. Julgar, lamentavelmente, é uma das partes mais negras da natureza humana e, por algum motivo, manifesta-se sobretudo em etapas mais complicadas, como a adolescência.

Dou por mim já no fim do bairro, em frente de setas que indicam a “cidade” à esquerda e para a direita “diversas direções”. Normalmente daria mais uma volta por Rosevault ou andaria um pouco em direção à cidade, mas hoje o último que me apetece é dar de caras com a confusão. Por isso, e apesar de ser pouco racional, opto pelo desconhecido, seguindo para a direita.

Verifico o som do telemóvel e coloco um auscultador no ouvido direito,

dando início à música. Ando em linha reta durante vários minutos, acompanhando as casas que se tornam cada vez mais escassas, sendo substituídas pelo verde das árvores e as cores das várias flores que nelas florescem.

Uma placa de madeira antiga anuncia que cheguei a Knight Port. Sinto um frio na barriga por estar tão longe de casa e ao mesmo tempo tão desprotegida, mas ignoro-o, seguindo uma vozinha dentro da minha cabeça que me diz *só mais um pouquinho*.

Caminho mais apressadamente, tendo a estranha sensação de que, a qualquer momento, pode sair alguém de trás de algum arbusto, ou algo igualmente sinistro.

É então que avisto um caminho em pedra, numa zona em que a flora não é tão densa. Já há uns bons metros que não via nada que indicasse civilização. Curiosa, dada a localização remota, decido seguir por este.

A curiosidade matou o gato..., alerta-me o meu lado mais racional.

Mas que mal faz espreitar?, provoca o meu mais recém-adquirido lado aventureiro.

Desligo a música e retiro os auscultadores, guardando-os na bolsa. Prossigo de mansinho pelo caminho que aparenta prolongar-se para além do meu campo de visão. Ao fim de alguns metros, este passa a ser adornado, em ambos os lados, por árvores cujas copas volumosas o deixam completamente à sombra. É um cenário tão bonito que daria umas boas fotografias para as redes sociais, como diria a minha irmã, se o visse.

Quando parece que o caminho não tem fim, surge um grandioso portão em metal prateado e trabalhado, que reluz com o sol. Ao seu redor ergue-se um extenso muro feito em pedra. A forma como as pedras estão posicionadas e o musgo que por entre estas parece querer escapar conferem-lhe um ar antigo e ainda mais belo. O portão termina com afiadas estacas, também em metal, posicionadas a menos de um palmo de distância entre cada uma.

Qual é o primeiro pensamento que me vem à cabeça? Ou não é suposto ninguém entrar aqui, ou daqui ninguém escapa...

Mesmo assim, dou mais dois passos na sua direção, mantendo alguma distância. Foco-me no desenho que o entrelaçado dos ferros cria exatamente a meio do portão, onde a divisão acontece. Assemelha-se bastante à silhueta de uma árvore, o que o torna tão familiar...

Solto uma exclamação ao juntar as peças na minha cabeça, instintivamente levando a mão ao colar que me pende no pescoço. Analiso-o por breves momentos antes de me voltar a focar no que está à minha frente.

São exatamente iguais...

O meu medalhão é composto por uma pedra azul arredondada, abraçada por fios de aço que se entrelaçam no formato de uma árvore. É nesse mesmo padrão que se moldam as grades do portão.

O que será que há lá dentro? Talvez seja a casa do joalheiro que forjou o colar...

A minha curiosidade aguça e tenho vontade de correr para o portão e arranjar forma de entrar nesta propriedade. Dou mais um passo e algo que certamente não estava à espera acontece — o meu colar volta a brilhar.

Desta vez não sou uma criança, não estou traumatizada nem a sonhar. *Acho eu...*

Sinto as leves vibrações que emana cada vez que a sua luz surge e se apaga. Com muito cuidado, ergo a medalha na mão, vendo, estupefacta, o seu reflexo azulado.

Parte de mim quer começar a gritar, outra quer voltar para casa e mostrar a todos que dizia a verdade. Porém, há ainda uma, a que está a ganhar a batalha, que continua curiosa e quer descobrir, seja como for, que lugar é este.

O restolhar de folhas faz-me virar abruptamente. Os meus olhos percorrem a vegetação, procurando a origem do som. Terá sido um animal ou o simples correr de uma brisa?

Oíço o som de novo, seguido do barulho de um galho a partir, claramente ao ser pisado. Engulo em seco, dando um passo atrás.

Como é óbvio, não me ponho a perguntar “Quem está aí?”, porque, se a pessoa quisesse aparecer, já o teria feito. Ao invés disso, analiso os meus arredores, procurando algo que possa acalmar o pânico iminente.

Solto um grito quando um homem alto aparece por entre as árvores. Enverga roupas escuras, formais e um tanto desatualizadas. Gelo no meu lugar, observando enquanto a figura de pele clara e olhos tão escuros quanto os seus trajes se aproxima, parando a cerca de cinco metros de mim.

— O que fazes aqui, docinho? — pergunta-me num tom intimidante.

Será o dono da propriedade?

— Peço desculpa. Não me queria intrometer. Vou-me já embora.

Ele estreita os olhos por breves segundos, examinando-me dos pés à cabeça. Os seus olhos pousam no meu colar, contudo este, ou melhor, o que este está a fazer, não parece afetá-lo de todo.

Um sorriso malicioso forma-se nos seus lábios e ele avança mais na minha direção. De novo e estupidamente, não consigo mexer-me.

— Interessante... Não sei quem está mais confuso. Tu ou eu. É uma pena não ficares cá para sabermos, *genii*. Um homem tem de fazer pela vida.

Arregalo os olhos, completamente baralhada ante as suas palavras. Contudo, não tenho tempo para tentar fazer sentido delas porque, numa velocidade anormal, o homem atira-se contra mim, fazendo-me bater com a cabeça no chão. Atordoada, tento levantar-me, sem sucesso, pois ele segura-me contra o chão.

Oiço o som de algo a clicar e então sinto uma dor aguda e ardente no pescoço, enquanto ele suga o meu sangue.

Suga o meu sangue?

Sim, suga o meu sangue!

Algo dentro de mim me diz que isto só pode ser um novo e horrível pesadelo que une a imaginação com o que se passou naquela noite. A minha consciência começa a fugir aos poucos, enquanto o meu corpo perde a resistência, já não conseguindo debater-se contra a criatura que me ataca.

Antes de o mundo se transformar em escuridão, penso ouvir gritos femininos ao longe, seguidos do som de algo a cravar em carne.

2

Confusione • CONFUSÃO



Durante o que para mim parecem horas, a minha consciência vem e volta inúmeras vezes. Oíço vozes, passos, apitos constantes... Sinto tocarem-me, num aparente exame minucioso a todo o meu corpo. Sinto colocarem-me uma agulha e como o seu conteúdo se espalha pelas minhas veias, levando-me de volta para o mundo dos sonhos.

Borrões e algumas imagens mais claras quer do que aconteceu hoje, quer da noite em que os meus pais morreram, repetem-se uma e outra vez na minha mente, trazendo consigo sempre a mesma palavra: *vampiro*.

A cabeça parece ficar pesada enquanto no meu subconsciente procuro uma explicação, qualquer uma, que se encaixe no mundo *normal* que conheço, mas não consigo. Não quando tal faz renascer as memórias dessa noite há treze anos e de como ninguém acreditou no que contei ter visto, crendo-me apenas uma criança traumatizada.

A necessidade de acordar e pensar com maior clareza aumenta. Debato-me, utilizando todas as forças para conseguir abrir os olhos. Finalmente, as minhas pálpebras cedem e o primeiro que vejo é um teto bege que não reconheço.

Giro a cabeça para a direita e é então que entendo o apito constante que tenho estado a ouvir. Parece que estou numa espécie de hospital, num quarto com paredes brancas e luzes brilhantes. Já estive no hospital que serve Rosevult e também no centro de saúde, contudo não reconheço este lugar.

O meu olhar percorre a divisão, e o movimento faz-me sentir a cabeça e o pescoço ligeiramente doloridos. Levo uma mão ao local onde *acho* que fui mordida, havendo lá um curativo. Suspiro. *Não foi um sonho...*

Procuro algo que se assemelhe a um botão para chamar uma enfermeira

ou alguém. Preciso de falar com a minha madrinha, o mais rápido possível. Não tenho noção de quanto tempo passou, porém tenho a certeza de que Melissa deve estar bastante preocupada comigo.

Nesse instante, a porta abre-se, revelando uma senhora de meia-idade envergando um vestido verde-escuro por baixo de uma bata branca. Os cabelos grisalhos estão presos num coque alto e os seus olhos cor de mel iluminam-se ao ver-me.

— Vejam quem está acordada! — exclama contente. — Como te sentes?

— Bem, acho eu. Onde estou? Preciso de falar com a minha família — peço, endireitando-me na cama. A mulher aproxima-se, entregando-me um copo de água, que bebo de uma vez.

— Já lá vamos. Agora, jovem, como te chamas?

— Iris. Iris Raymond.

— Raymond... — sussurra baixinho antes de se virar novamente para mim. — Iris, o meu nome é Marie e sou curandeira aqui. Tinhas um pequeno ferimento e perdeste algum sangue, mas isso está resolvido. A tua cabeça também parece estar bem. Deves estar quase como nova.

— E onde é aqui exatamente? — insisto, pressentindo que na verdade não estou num hospital. Pelo menos não num normal.

— Há alguém que quer conhecer-te. Já vamos esclarecer tudo. Espera só um pouco enquanto vou chamá-la — pede, saindo de seguida e fechando a porta atrás de si.

Olho à minha volta, procurando a minha bolsa de cintura, mas não a encontro. Num instinto, levo novamente a mão ao pescoço e percebo que o meu colar desapareceu. Sinto um aperto no coração.

Antes que tenha tempo de pensar no que se possa ter passado, Marie volta, seguida de outra mulher. Esta é mais nova, provavelmente na casa dos quarenta, alta e de pele ligeiramente morena, com o cabelo negro também apanhado. Toda a sua figura inspira autoridade, desde o tom vermelho do seu vestido justo à expressão no seu rosto.

Ela observa-me durante alguns segundos, analisando-me. Engulo em seco, intimidada pelo seu olhar.

— Ora, a Marie diz-me que o teu nome é Iris, certo? — pergunta, dando passos na minha direção e parando junto aos pés da cama. Marie permanece no mesmo lugar, sorrindo docemente. Assinto em resposta. — Prazer, Iris. Sou Anna Victoria, a *Genii* Máxima deste Ninho. De que Ninho vens?

— Ninho? Desculpe-me, mas não sei o que isso é — retruco, não entendendo as suas palavras. — Vivo na cidade de Rosevault. Onde estou agora?

As duas trocam olhares silenciosos, o que me deixa ainda mais inquieta e, então, Anna aponta para a cama em que estou deitada.

— Posso? — questiona, sentando-se antes que eu possa responder. — Imagino que tenhas muitas perguntas, Iris. Também tenho, e penso que será melhor começarmos por aí, para decidir como te posso ajudar depois. Achas que me consegues responder com sinceridade?

— Sim, claro — confirmo, ajeitando-me para ficar sentada.

— Muito bem. Disseste que não sabes o que é um Ninho. Já ouviste falar em *geniis*? — pergunta-me, o seu semblante sério.

— Eu acho que o... *homem* que me atacou falou sobre isso... Mas não sei o que são.

Ela estreita os olhos, analisando-me outra vez.

— Quando te encontraram, tinhas um colar. Onde o arranjaste?

— Têm o meu colar? Ainda bem! Pensei que aquele homem o tivesse roubado. É mesmo importante para mim... Tenho-o desde que me lembro.

— E quem te deu esse colar?

— Não sei bem. Os meus pais, acho eu... Morreram quando eu tinha sete anos, mas já o tinha antes disso.

— Lamento saber, querida. Como se chamavam? — questiona Anna, mudando o rumo da conversa. Vejo Marie pegar num bloco de papel e numa caneta, pronta para anotar as minhas respostas.

— Emily e Louis Raymond. Depois de morrerem, eu e a minha irmã fomos viver com a nossa madrinha, Melissa Duncan. Por favor, preciso de lhe ligar. Deve estar mesmo preocupada.

— Dá-me só mais alguns minutos e já poderás falar com ela. Como se chama a tua irmã? Também tem um colar como o teu?

— Não, só eu. Katherine tinha apenas dois anos nessa altura, talvez seja por isso. O que é que o meu colar tem de especial? Eu sei que ele brilha e tenho um pressentimento que sabe porquê...

Anna vira-se novamente para Marie.

— Podes, por favor, pedir que investiguem?

A mulher mais velha assente, retirando-se do quarto com uma pequena vénia.

Anna leva a mão ao peito, revelando o colar que tinha escondido por dentro do vestido. Os meus olhos brilham ao perceber as semelhanças com o meu e, por um momento, esqueço toda a estranheza desta situação.

— Sabes, Iris, o teu caso é muito *invulgar*. Este colar que eu tenho e que também tens não é apenas um acessório. Tem uma pedra muito especial,

a *claraluna*, que funciona como um elemento de proteção. Vibra e brilha, alertando-nos para perigo que se aproxima. O que a torna mais especial é o facto de ser intransmissível. Cada pedra está ligada à pessoa que deve proteger: um *genii*. Por isso, se tens aquele colar e ele funciona contigo, significa que foi feito para ti e que tu és uma *genii*, como eu.

Franzo o sobrolho.

— Eu sou uma *genii*? O que é que isso significa?

— Aí está o que torna a tua situação tão particular, Iris. Cada colar, ou anel, para além de proteger, guarda também informações acerca do seu ou sua *genii*. Quando cá chegaste, a primeira coisa que fizemos foi tentar saber quem tu eras para melhor te ajudar, contudo não havia nada. É como se tu não existisses no nosso mundo. Daí que te tenha feito tantas perguntas. Não podemos revelar demasiado a quem não é um de nós. Não estávamos a conseguir perceber onde te encaixavas, e agora acho que sei o porquê. Está claro para mim que, por algum motivo, cresceste como uma *neity*.

Abano a cabeça, levando as mãos à mesma. Sinto-me tonta e confusa.

— Desculpe, mas cada vez estou mais perdida...

— Lamento, Iris. Imagino que seja demasiado para lidar e, de facto, não te estou a dar muitas respostas. Brevemente explicando, um *neity*, ou não-*deity*, é um humano, ou seja, alguém desprovido de qualquer poder e que, por norma, não conhece nada do mundo sobrenatural. Os *geniis* também são humanos, mas têm na sua ascendência *deities*, ou deidades, o que nos faz ter capacidades especiais.

— E tem a certeza de que sou uma *genii*? É que eu não tenho nenhuma habilidade fantástica...

Anna solta uma risada.

— Fizemos testes ao teu sangue e aguardamos resultados, mas tenho quase a certeza que sim. É normal que desconheças que as tens, a maior parte de nós treina desde muito cedo para dominá-las. E, apesar de haver algumas que são comuns, cada *genii* tem capacidades diferentes consoante a sua ascendência.

— Então, se eu for uma, isso quer dizer que a minha irmã...?

— Todos os filhos de *geniis* são-no também, por isso ela será uma de nós.

A sua confirmação faz-me perceber que os meus pais tiveram um passado que eu desconhecia por completo e que agora não estão cá para explicar, o que despoleta ainda mais perguntas.

Será que a minha madrinha sabe? Afastou-nos deste mundo para nos proteger? Ou terão sido os nossos pais?

Estou prestes a fazer outra pergunta, quando a porta se abre de novo, desta vez por uma jovem mais ou menos da minha idade.

— Posso? — pergunta olhando para Anna.

— Entra, Alisha.

— Estão a chamar por si na Central — informa, o seu olhar dançando entre mim e Anna, que se levanta, endireitando o vestido.

Anna faz um sinal a Alisha, que se aproxima.

— Obrigada por me avisares. E ainda bem que aqui estás. Assim podes fazer companhia à nossa convidada, e esclarecer algumas coisas. Ao que parece, a Iris cresceu como *neity*, e umas explicações far-lhe-iam bem — diz-lhe, pousando uma mão no seu ombro. Vira-se então para mim. — Iris, esta é Alisha. Foi ela que te encontrou. Sei que estava ansiosa para te conhecer.

— Foste tu? Nem sei como te agradecer...

— Não foi nada! — responde, um pouco envergonhada.

— Bem, deixo que se conheçam. Alisha, por favor, traz também as coisas de Iris. Ela precisa de fazer uma chamada — pede, utilizando um tom mais autoritário, e volta a atenção para mim. — Até percebermos a tua situação, pedia-te que revelasses o mínimo. Como expliquei, o nosso mundo não é do conhecimento público.

— Não se preocupe. Mas e se eu não for mesmo *genii*?

— Nesse caso, teremos de apagar as tuas memórias — responde com um sorriso um tanto matreiro, o que me faz estremecer, e retira-se.

Alisha parece alheia ou indiferente à “ameaça” de Anna. Sorri-me, brincando com o seu colar, e diz:

— Bem, já sabes, mas sou Alisha Bellator.

— Bellator? Vocês têm todos sobrenomes assim estranhos? — pergunto e ela ri-se. — Sem ofensa.

— Acho que se pode dizer que são estranhos... Vêm todos do latim, que é a língua dos documentos da nossa espécie, e têm significados importantes também! Bellator quer dizer “guerreiro” e Alisha “a protegida pelas deidades”. E Iris obviamente significa arco-íris, o que faz sentido, sobretudo porque tens uns olhos mesmo lindos...

Rio-me perante a sua confissão. Alisha cora ligeiramente e senta-se na beira da cama. Tal como eu, é baixinha, talvez até um pouco mais. Tem o cabelo castanho-claro entrançado e uma franja curta um pouco acima dos olhos, o que lhe dá um ar delicado e jovial. Os seus olhos são esverdeados e têm um brilho de curiosidade.

— Desculpa, sei que devo parecer intrometida. Os meus irmãos passam

o tempo todo a dizer que o sou, mas desde que te vi lá fora a ser atacada por aquele *vampairy*, sem meios para te defenderes, que tive vontade de te conhecer... É verdade o que a Máxima disse? Cresceste como *neity* e não sabes mesmo nada sobre nós?

— Não sei nada sobre *geniis* ou *neities*... Bem, só o pouco que me contou aquela senhora, Anna. Nem sei bem onde estou... E tu disseste *vampairy*?

— Disse sim! É a espécie mais perigosa que existe neste momento. São vampiros que conseguem suportar a luz do Sol! E que ainda por cima não têm as mesmas fraquezas que os ditos normais! Por isso é perigoso sairmos sozinhos. O meu irmão Matthew ia-me matando quando soube que saí para te salvar.

— Espera! Estás-me a dizer que existem mesmo vampiros?

— Claro! Vampiros, *vampairies*, fadas, ninfas, bruxas, lobisomens... — enumera rapidamente, usando os dedos.

— Certo... OK, muita informação para assimilar!

Alisha leva as mãos à boca.

— Desculpa, para além de intrometida, também sou tagarela. Acabaste de descobrir este mundo... Deves estar mesmo confusa.

— Confusa é dizer pouco... Parece que estou a sonhar. E sinto a cabeça à roda.

— Isso pode ser por teres batido com a cabeça e perdido sangue. Ainda levei um pouco a chegar até ti. Mas o que importa é que estás bem. E olha, no que pude ajudar para tornar tudo isto mais fácil...

Sorri-me solidariamente. Uma chama de esperança acende-se dentro de mim, e vejo aqui a oportunidade de tentar responder, de uma vez por todas, às dúvidas que me assombram há anos.

— Na verdade, será que me podes trazer o meu telemóvel? Há alguém a quem preciso de ligar.

— Ai, é verdade! Tinha-me esquecido. Já volto!

Ela levanta-se de um salto, saindo do quarto em seguida. Em menos de um minuto está de volta, trazendo nas mãos a minha bolsa de cintura.

Tiro o telemóvel e preparo-me mentalmente para a gravidade da situação. Já passa das 14 horas, o que significa que deveria estar em casa há mais de duas. Tenho cinco chamadas não atendidas de Melissa e quatro da minha irmã, fora as doze mensagens de texto, a maioria delas com apenas o meu nome e pontos de interrogação. Ligo de volta para a minha madrinha, inspirando profundamente.

Apesar de saber que Melissa deve estar em pânico e desejosa que volte a

casa, decido mentir-lhe, dizendo que encontrei Olivia e acabei por ir dar uma volta com ela e que ainda me devo demorar. Felizmente não falaram com ela, ou a minha desculpa cairia por água abaixo. Tranquillizo-a uma dezena de vezes antes de desligar e mando uma mensagem à minha irmã a explicar a situação.

— Ainda bem que podes ficar! Há tanta coisa que te quero perguntar e que te tenho de contar. Nem sei por onde começar... Marie disse-me que perdeste os teus pais pequenina. Deve ter sido muito difícil. Achas que é por isso que não sabes nada acerca deste mundo?

— Perdê-los foi mesmo difícil, sobretudo nas circunstâncias em que foi... Mas não me recordo de alguma vez ter vivido de outra forma, ou de alguma vez me terem falado deste mundo, logo estou completamente à nora.

— Deves ter muitas perguntas, nesse caso. Não me importo nada de responder! Como já deves ter reparado, eu falo muito!

Rio-me, o que ajuda a acalmar um pouco a minha ansiedade.

— Talvez me possas dizer que lugar é este. Acho que Anna lhe chamou um ninho.

— Estamos no Ninho de Knight Port! É assim que se chamam as comunidades dos *geniis*. São locais de refúgio, onde vivem todos os da nossa espécie. Cada família tem uma casa própria, daí que sejam tão importantes os sobrenomes. Depois existem espaços comuns, como a Ala Antiga, onde temos a biblioteca e são dadas as aulas; a Ala Nova, que está aliada a todas as tecnologias; e a Ala Médica, que é onde estamos agora.

— Uau, parece tudo tão organizado! Como uma pequena cidade num lugar só.

— É, acho que é uma forma de descrever... Por vezes é bom, mas também pode ser sufocante.

— Vocês não podem sair daqui?

— Poder, podemos. Temos missões e deveres lá fora. No entanto, para nossa segurança, só nos deixam fazê-lo livremente depois de atingirmos a maioridade. Infelizmente para mim, ainda falta um mês e dois dias para isso... Estou inquieta, sabes? Não é que me queira aventurar propriamente, porque na verdade tenho medo. Mas estou cansada de ter Matthew e Nicholas como minhas sombras. Os meus irmãos podem ser uns chatos...

— Calculo que sejam mais velhos? — Alisha assente, revirando os olhos, e eu sorrio. — Sou a irmã mais velha, acho que tenho de ficar do lado deles neste caso.

— Isso é porque ainda não os conheces! — adverte, cruzando os braços.

— Até tenho um pouco de inveja de ti, apesar de tudo. Viveste este tempo todo lá fora, sem controlarem tudo o que fazes.

— Oh, mas não é bem assim! Acredita que os humanos não podem fazer tudo o que quiserem... A minha madrinha, por exemplo, é bastante protetora e eu já tenho vinte e um anos, mas ela só quer o meu bem e tenho a certeza de que os teus irmãos também!

Alisha suspira, pousando a mão no queixo, e diz:

— Só queria ver um pouco mais do mundo... Já estive lá fora algumas vezes, sobretudo quando era mais nova. Depois os perigos aumentaram e, com isso, as precauções, as regras...

— Sempre ouvi dizer que é melhor prevenir do que remediar. Talvez te custe agora, mas vais ver que foi melhor assim. O mês que falta vai passar num instante! Depois podes aproveitar a tua liberdade, com cuidado claro.

— Sim, eu sei. Talvez possa soar infantil, sobretudo porque sei que é para o meu bem. Eu chamo-lhe a síndrome de Rapunzel — brinca Alisha. — Desculpa, estou para aqui a falar sobre os meus problemas, e tu a precisar de respostas. Voltemos a isso! Por agora, que mais queres saber?

— Bem, estou curiosa sobre o que significa ser um *genii*? O que é que vocês fazem? — pergunto e Alisha endireita-se e assume uma expressão séria, como se levasse muito a sério a responsabilidade de responder àquela pergunta.

3

Discooperta · DESCOBERTA



Durante a hora seguinte, Alisha fala comigo, respondendo às minhas questões e contando-me um pouco de tudo do que se passa neste mundo. Explica-me que existem deidades responsáveis por determinadas áreas do mundo, da vida humana e sobrenatural, semelhantes aos deuses gregos e romanos. Diz-me que as histórias, lendas e nomes destes foram inspirados pelas deidades reais, que não vivem no monte Olimpo, mas num outro mundo, chamado Zenix, onde ninguém, sem ser as próprias, entra. Crê-se que seja uma espécie de lua oculta que orbita a Terra, de acordo com os escritos antigos.

É de Zenix que provêm as pedras colocadas nos colares e anéis dos *geniis*, a *claraluna*, ou “lua brilhante”. É lá que se encontra a majestosa Árvore da Vida, fonte de todos os poderes do mundo sobrenatural, e representada nas peças que utilizam os *geniis*. Toda a comunicação entre a Terra e Zenix é feita por Hermes, mensageiro das deidades, que muito poucos veem pessoalmente, por apenas aparecer em situações extremas.

Por outro lado, existe o submundo, reinado por Hades, a deidade das trevas, responsável pela criação dos vampiros. Numa altura em que estes estavam descontrolados e ameaçavam o mundo natural e sobrenatural, as deidades decidiram começar uma linhagem de semideidades, os *geniis*.

Aos *geniis* cabe então manter o equilíbrio e a paz entre os mundos humano, da luz e das trevas, resolvendo conflitos que surjam quer dentro, quer entre espécies. São os cavaleiros da luz, as tropas enviadas pelas deidades para atuar na Terra.

Por isso, para sua proteção, e por uma questão de organização, vivem em comunidades — os Ninhos. É onde aprendem a dominar as suas capacidades e descobrir a sua “luz interior”, aquilo que torna cada *genii* único e que

depende da sua ascendência. Ainda que nasçam, cresçam, estudem e treinem dentro dos Ninhos, é-lhes permitido ter também um emprego no mundo dos humanos, funcionando como uma forma de integração e obtenção de informação. No entanto, não é normal que vivam fora do mesmo, e muito menos que não saibam o que são, o que torna a minha história estranha para todos.

Enquanto assimilo o que me diz, sinto como se tudo aquilo em que acreditava deixasse de fazer sentido. De repente, parece que a fantasia se tornou a realidade e que o mundo é um lugar que desconheço completamente. Contudo, apesar de abalada, continuo a querer saber mais, sedenta de toda a informação que me possa dar. É como se estivesse a ouvi-la contar uma história de um livro, e não o que é a realidade dela e, de certa forma, a minha também.

— As sereias existem!? — exclamo, arregalando os olhos.

— O nome correto seria ninfas, mas sim, oh, se existem. O meu irmão Nicholas que o diga. Ele teve um caso com uma. Foi... interessante.

— A falar mal de mim, Alisha?

Viramos a nossa atenção para o rapaz que está parado junto à porta. Estávamos tão embrenhadas na conversa que nem o ouvimos chegar.

Alisha, nesta nossa curta-longa conversa, já me contou tanto sobre os irmãos que sabia o que esperar quando os visse. Nicholas é o irmão mais velho e também o mais brincalhão e descontraído. Fisicamente, parece uma versão masculina de Alisha, desde a cor do cabelo e dos olhos ao formato do rosto. Tem, porém, mais uns bons vinte centímetros de altura.

— Sempre que possível... — provoca-o Alisha.

Ele estreita os olhos. A sua atenção volta-se então para mim e um sorriso ilumina-lhe o rosto.

— Calculo que sejas Iris. Sou Nicholas e peço-te que não acredites em nada do que a minha irmã diz. Ela vive para me difamar — responde, o que me faz sorrir envergonhadamente.

— Olá, Nicholas. Não te preocupes, prometo tirar conclusões por mim própria.

Ele ri-se e aproxima-se de mim, pegando na minha mão, onde deposita um beijo.

— Encantado... — sussurra, prendendo o seu olhar no meu durante alguns segundos.

Alisha franze o nariz e afasta-o.

— Por favor, não comeces... Está bem?

— O que é? Não posso cumprimentar a jovem como deve ser?

— Podes fazê-lo a uma distância de segurança, não?

Nicholas pousa uma mão na cabeça de Alisha, despenteando-a. Esta bate-lhe no braço, ajeitando o cabelo.

— Vês o que te digo, Iris? São uns chatos! Por falar nisso, onde anda Matthew?

Nicholas encolhe os ombros, antes de responder:

— Não faço a mínima ideia. Há pouco disse-lhe que vinha cá porque queria conhecer a Iris, e ele só me disse “Não entendo para quê tanto alvoroço por causa de uma *neity*”, e depois foi-se embora.

— Mas ela nem é uma *neity*... — resmunga Alisha, revirando os olhos.

— Enfim. Hás de conhecê-lo depois! Vais voltar, não vais?

— Voltar? Ela não vai ficar cá?

— Não posso ficar, Nicholas. Tenho uma família lá fora que não sabe, ou pelo menos eu acho que não sabe, nada disto. Talvez volte, talvez não... Sendo honesta, acho que não vos traria nada de bom.

— Ai, não sejas tonta, Iris! — diz Alisha. — Gostei tanto de falar contigo. Acho que nos faria bem uma cara nova por aqui! Podias contar-me mais sobre o que há fora do Ninho, e nós podíamos ajudar-te!

— Sim, claro! A parte teórica não é o meu forte, mas, tudo o resto, é só pedir — sugere Nicholas, piscando-me o olho, o que me faz rir, e Alisha revira os olhos.

— Importas-te de não namoriscar na minha frente?

— Estou só a ser prestável, não a namoriscar! Sem ofensa, Iris. É que, neste momento, sou um homem comprometido e feliz.

— Estás a namorar a filha da Máxima, convém mesmo que estejas e, sobretudo, que a faças feliz — provoca Alisha, e não posso deixar de sorrir perante a interação de ambos.

— Não te preocupes com a minha vida amorosa, querida irmã. Eu e Camila estamos muito bem, mesmo que tu estejas a torcer pelo contrário.

— Por favor, diz-me que não fazes a tua irmã sofrer assim... — pede Alisha, ao que respondo com um abano de cabeça, sorrindo.

— Acho que Katherine também se queixa bastante de mim. Mas nós, os mais velhos, só queremos o vosso bem!

— Tens uma irmã? Então há mais uma *genii* perdida? — indaga Nicholas.

— Parece que sim...

— Que loucura! E não sabias realmente nada sobre nós? Nunca tinhas visto nenhum ser sobrenatural antes do ataque de hoje?

— Infelizmente, tenho quase a certeza de que já vi...

Inspiro profundamente, preparando-me para reviver aquelas memórias de novo. A verdade é que, apesar de sonhar demasiadas vezes com aquela noite, o que faz com que tudo pareça mais recente do que é, não há nada que torne mais fácil ter de falar sobre ela.

Alisha e Nicholas permanecem em silêncio e atentos enquanto lhes conto tudo como me recordo: desde o momento em que fui despertada pela luz do meu colar até aos gritos e confusão que se seguiram.

Recordo a *criatura* com dentes pontiagudos tingidos de vermelho e estremeço. O meu coração palpita mais rápido e os meus olhos ardem enquanto falo, mas tento manter-me forte, esforçando-me por não deixar nenhum detalhe importante por dizer. Descrevo também o outro homem, o meu herói, as suas características peculiares e a sensação de calma que transmitia. Pela primeira vez na vida, fico grata por as imagens terem ficado cravadas tão vivamente na minha mente.

Os irmãos entreolham-se, e é Nicholas quem fala primeiro, tentando reconfortar-me, quando as lágrimas se acumulam nos meus olhos. Alisha estica a sua mão, entrelaçando-a na minha, e sorri-me docemente, em sinal de apoio.

— Foste muito corajosa ao contar-nos tudo! Pelo que nos disseste, tenho a certeza de que o atacante era um vampiro. E o outro homem, deduzo que fosse um elfo — revela Nicholas.

— Então era mesmo um vampiro... — murmuro, suspirando como se um peso tivesse sido retirado dos meus ombros. — Parece impossível que, ao fim de todos estes anos, esteja finalmente a ter respostas... É um alívio enorme.

— No que nós pudermos ajudar, faremos tudo por isso! — promete Alisha, e Nicholas anui, mostrando também o seu apoio.

— Obrigada a ambos por me ouvirem! Não sabem o quão bom é saber que não foi simplesmente imaginação ou trauma... Mas, expliquem-me, elfos são fadas macho?

Alisha intervém, pronta para me ajudar a entender este mundo.

— Deixa-me explicar! Os espíritos da natureza dividem-se em três: as fadas, as ninfas e os elfos. As fadas habitam as florestas e bosques, e as ninfas, como te disse, vivem nas águas ou perto delas. Acontece que, quer numa espécie, quer noutra, só existem seres femininos, que não envelhecem e são inférteis. Contudo, o que consta é que algumas fadas descobriram uma forma de terem filhos e, assim, nasceram os elfos, que podem ser de qualquer dos géneros. Existem muito poucos. Eu, por exemplo, nunca vi um. São como o

exército das fadas, mesmo que tenham menos poder. E são, de facto, pequenos e têm orelhas pontiagudas.

— Certo, acho que percebi...

— Mas há algo que não estou a perceber... Porque é que um vampiro haveria de atacar uma casa de *geniis* fugidos, matar os pais, mas querer levar uma criança? E porque é que ele falou em encontrar-te a ti especificamente? — pondera Alisha, e não sei como responder, pois tenho estado a fazer as mesmas perguntas desde que me começaram a explicar este mundo.

— Acho que, em primeiro lugar, vamos ter de tentar perceber o porquê de os teus pais terem decidido viver longe dos *geniis*. Só assim conseguiremos encontrar uma explicação para o ataque daquela noite — propõe Nicholas.

— Eu tenho avós paternos na vila onde cresci. Se os meus pais eram *geniis*, eles também o devem ser, certo?

— É provável! Se se isolaram também, podíamos perceber o porquê. No entanto, há a hipótese de apenas a tua mãe ser *genii*, logo eles não sabem... O melhor será procurarmos informações sobre a tua família na nossa base de dados. Alguma pista nos há de dar, e podemos decidir como agir a partir daí. Seria fundamental descobrir o elfo que te ajudou... Posso tratar disso pessoalmente, se quiseres.

— Estás a fazer muitas promessas a uma rapariga que mal conheces, não é, Nicholas? Ainda para mais uma *neity*...

4

Diffidentia · DESCONFIANÇA



Viramo-nos os três para a entrada do meu quarto, de onde a voz masculina e estranhamente melodiosa ecoou. Por entre Alisha e Nicholas, que estão à minha frente, obstruindo o meu campo de visão, vejo um rapaz alto nos seus vinte e poucos anos. Tem os braços cruzados e a cabeça baixa, com o cabelo escuro a cair-lhe sobre os olhos.

Alisha e Nicholas entreolham-se e partilham uma expressão de aborrecimento.

— Matthew, não sejas indelicado... A Iris não é uma mera humana. Acabou de descobrir sobre este mundo, mas não deixa de ser uma de nós! — exclama Alisha em minha defesa.

— E quem te disse que ela é uma de nós? Os resultados das análises ainda não saíram! E a *claraluna* dela não tem nenhuma informação. Deviam ter mais cuidado com o que contam e a quem é que contam... Ou já se esqueceram da última vez que tivemos um *neity* aqui...

Matthew, o irmão "simpatia" sem dúvida...

Nicholas levanta-se, antes que eu possa responder, também ele cruzando os braços.

— Estás aqui porquê, então?

Matthew ergue a cabeça, dando passos na nossa direção.

— Queria ver com os meus próprios olhos a razão de tanto alvoroço. Tinha de... — começa, mas cala-se quando os seus olhos encontram os meus.

São de um castanho-claro tão hipnotizante que, durante uns segundos, me perco neles. Sustenho a respiração e Matthew também, enquanto ele me analisa.

Ficamos assim, com os olhos fixos um no outro, e, por alguns instantes,

parece que o tempo para. Porém, tão rápido quanto cruzámos os olhares, afastamo-los, quebrando o encanto.

Abano a cabeça, recompondo-me deste momento estranho.

— Tinhas de quê? — pergunta Alisha, erguendo-se.

Matthew vira a sua atenção para ela, revirando os olhos. Ao que parece é um tique de família.

— Devo lembrar-te, Alisha, de que podias ter morrido ao salvá-la? Saíste sem qualquer proteção ou reforço!

— E, por isso, vais culpar Iris? Se a salvei, foi porque quis! Vi alguém em apuros e decidi ajudar. Não me digas que não farias o mesmo?! Só estás a agir como o irmão *super* protetor de sempre... Não sou uma criança! — contrapõe Alisha.

— És sim! Tens dezassete anos!

— E isso o que é que tem? Ainda por cima, o Ben estava por perto e ajudou-me!

— Ah, o *Benjamin* ajudou-te? Isso deixa-me muito tranquilo, sem dúvida!

Não sabia que mais alguém me tinha ajudado. Estava tão focada em descobrir o máximo possível sobre este mundo e como me encaixo nele, que me esqueci de perguntar a Alisha como me salvou. Faço uma nota mental para voltar a este assunto mais tarde.

Nicholas coloca-se entre os dois, levantando as mãos.

— Basta! Acho que podemos falar sobre isso noutra altura, não?

— Para não ferir os sentimentos da nossa convidada de honra? Poupem-me! Não sejam ingénuos! Não veem que isto pode ser alguma cilada? Aparece uma rapariga do nada, à porta do nosso Ninho, com uma *claraluna*, e diz que não sabe nadinha deste mundo? Como veio cá parar? Não terá sido encantada por algum *vampairy* para preparar outro ataque? Vocês pensaram nisso? Não! Toca a contar tudo à *neity*...

Eis o que descobri sobre Matthew nestes poucos segundos:

1 — ODEIA-ME, PROFUNDAMENTE, SEM QUE EU TENHA FEITO ALGO PARA TAL.

2 — É ANTIPÁTICO E NÃO SE PREOCUPA NEM UM POUCO COM ISSO.

3 — É *SUPER* PROTETOR E DESCONFIADO.

4 — TEM UNS OLHOS LINDOS, QUE ESTÃO AGORA A EVITAR-ME A TODO O CUSTO.

Aproveitando este facto, permito-me analisá-lo novamente. Matthew não se parece muito com os irmãos. Os cabelos são mais escuros, curtos e

revoltos, o rosto é fino e a pele ligeiramente sardenta. Os olhos, porém, mesmo sendo de outra tonalidade, têm o formato e expressividade que vejo em Alisha. É tão alto como Nicholas, parecendo mais musculado. Ainda assim, a maior diferença entre eles parece ser a personalidade.

— Para de lhe chamar isso! Se te tivesses dignado a tentar conhecê-la, saberias que não tem qualquer sentido o que acabaste de propor — diz Alisha, sentando-se de novo.

— Sim, Matthew. Porque estás a ser do contra? E tão desagradável?

Matthew ri-se sarcasticamente e abana a cabeça.

— Se usar o cérebro e pensar antes de me tornar amiguinho de uma desconhecida é ser desagradável, peço desculpa. Seria de esperar que o passado e anos de treinos vos fariam ser um pouco mais perspicazes, não?

Nicholas e Alisha respondem em simultâneo e é difícil distinguir o que dizem, pois Matthew continua a falar também. A minha cabeça dói e começo a sentir-me tonta, pela confusão que se gera à minha frente.

Ouvem-se passos, e os irmãos calam-se, olhando, tal como eu, para Marie, que aparece à porta.

— Vejam só se não são *todos* os irmãos Bellator. Pensei que tinha dito que Iris precisa de repouso, não de isto, seja lá o que for, que estava a acontecer.

— Bem, desculpe, Marie. Eu e Nicholas estávamos a ajudar Iris a perceber o nosso mundo, mas Matthew apareceu agora com a teoria de que ela é uma *neity* infiltrada... — defende-se Alisha, estreitando os olhos para o irmão, que não altera a postura.

Marie solta uma gargalhada.

— Seria uma teoria interessante e talvez plausível, porém lamento, Matthew, estás enganado. Os resultados das análises já chegaram e são conclusivos: Iris é uma de nós! — anuncia com um sorriso.

Parece que não me vão apagar as memórias, então...

Alisha saltita na minha direção para me abraçar, e Nicholas toca-me no ombro.

— Bem-vinda a este mundo, Iris.

Matthew encosta-se a um canto, novamente cabisbaixo, com um ar aborrecido, e eu decido ignorá-lo.

— Ainda parece irreal... Acho que vou levar muito tempo a habituar-me a tudo isto.

— Estou tão contente! Nem imaginas! Há imensa coisa que ainda não sabes... Temos de te ensinar e mostrar tudo! E eu quero ajudar-te. Tens de conhecer todos! E...

— Alisha, vamos com calma. Deixa a Iris processar a informação. Acho que ela já ouviu bastante por hoje — adverte Marie, aproximando-se de mim.
— Para além disso, Iris tem algumas decisões a tomar.

— Não te vás embora! Podias ficar aqui, connosco! E a tua irmã vinha cá ter. Nós temos um quarto livre e...

— O quê?! Só podes estar a brincar, Alisha... — interrompe Matthew alarmado, desencostando-se da parede.

— A decisão não é tua... — continua ela, cruzando os braços.

— E muito menos tua. És a mais nova, não te esqueças.

— Bellators! Vou ter de vos pedir que saiam um pouco do quarto. Não estão a ajudar, e neste momento preciso de falar a sós com Iris. A Máxima vai juntar-se a nós brevemente.

Há um novo rebuliço entre os irmãos, no entanto acabam por sair, exigindo que me despeça deles caso me vá embora. Escusado será dizer que deles significa de Alisha e Nicholas. Matthew, se pudesse, já me teria expulsado daqui com as suas próprias mãos.

Marie faz-me um novo exame, verificando o meu estado de saúde. Para além de uma tontura leve e o estômago embrulhado, sinto-me bem. A curandeira retira-me o penso que tenho no pescoço, analisando a ferida de perto. Os seus olhos mostram que não vê o que esperava.

— O que se passa?

— Uma das capacidades comuns dos *geniis* é curar-se mais rápido que os humanos. Os *geniis* da luz, como eu, têm esse poder mais apurado ainda, conseguindo também curar outros. Por isso é que somos, por norma, curandeiros ou algo semelhante. Acho que infelizmente podemos excluir que esta seja a tua ascendência. Não saraste como seria previsto, talvez porque o teu organismo não está habituado a este mundo e aos seus perigos.

— E isso é muito mau?

— Não te preocupes. Vou fazer algo que vai fechar essa ferida num instante!

Marie pousa as suas mãos sobre o meu pescoço. Estão mornas, o que me faz sentir melhor. A senhora pressiona ligeiramente e sinto a zona aquecer durante alguns segundos, antes de ela se afastar.

— Pronto! Como nova! — exclama, sorrindo.

Toco no meu pescoço e sinto-o macio, como se nunca tivesse sido mordido.

É demasiado estranho pensar nisso...

— Uau! Obrigada! Será que agora posso ficar sem todo este equipamento, especialmente a agulha?

Marie sorri e faz-me uma carícia no rosto, respondendo depois ao meu pedido. Insiste em manter o oxímetro, que controla o meu batimento cardíaco, por precaução, pelo menos enquanto sai para ir buscar a Máxima.

Afasto os cobertores e ajeito as almofadas, sentando-me de pernas cruzadas. Camas de hospital, sejam elas onde for, são desconfortáveis...

Pego no meu telemóvel e confirmo as horas. Já são 17, não tarda muito tenho de estar em casa e preciso de começar a pensar no que vou fazer quando chegar.

Devo abordar o assunto com a minha madrinha? Com a minha irmã?

Ela tem o direito de saber o que é e, especialmente, quem matou os nossos pais. Contudo, não imagino a sua reação se lhe despejar toda esta informação em cima...

Anna pediu que investigassem os meus pais, talvez já tenha conseguido saber algo que me possa ajudar nesta situação. Assim espero, pois nunca me senti tão confusa e dividida na vida. O mundo já não é aquele que existia quando saí de casa esta manhã. Nem eu me sinto a mesma. Houve uma série de decisões e acontecimentos que me colocaram onde estou agora.

Se não tivesse escolhido aquele caminho e chegado ao portão deste Ninho, será que algum dia viria a saber o que sou?

Se os meus pais não tivessem morrido naquela noite, ter-nos-iam contado sobre este mundo?

Se eles não tivessem decidido viver como humanos, teríamos eu e Katherine nascido? Viveríamos num lugar destes?

Demasiadas hipóteses que poderiam ter alterado por completo o rumo da minha vida...

Anna e Marie interrompem-me os pensamentos ao entrarem no quarto.

— Já foste informada dos resultados, não é verdade? — questiona a Máxima, num tom sereno.

— Fui, sim.

— Deixa-me que te diga que fico muito feliz. A nossa espécie é relativamente pequena, e é uma alegria enorme saber que hoje ganhámos pelo menos um novo membro. — Desta vez, um sorriso ilumina-lhe o rosto, revelando a genuinidade das suas palavras. Agradeço, sorrindo também. — Cabe-me ainda dizer-te que sei que esta revelação não implica que te juntes

a nós. Fizemos uma pesquisa mais aprofundada ao teu colar e não conseguimos muita informação. O mesmo aconteceu com os teus pais. Não os encontramos na nossa base de dados. Como Raymond não é um nome das famílias *genii*, torna a situação um pouco mais difícil, mas asseguro-te que queremos chegar à verdade, tal como tu. É fundamental percebermos porque viviam fora das nossas comunidades.

— Agradeço o vosso esforço. Ficaria mesmo agradecida por qualquer resposta sobre eles. Sabem o que os poderá ter feito viver desta forma?

— Alguns *geniis*, por desobediência grave, são expulsos dos seus Ninhos, sendo obrigados a viver como *neities*. São primeiro levados a um concílio que decide o seu futuro, contudo só se aplica esta pena em última instância. Há ainda outros que, por escolha própria, desistem da sua vida na comunidade. As causas são variadas, desde morte de familiares a velhice. Em qualquer das hipóteses, os casos são muito poucos — explica-me Anna.

— Então deve ser fácil descobrir mais sobre o passado dos meus pais, não é?

— Sei que deves estar cansada e que já te fizemos muitas perguntas. No entanto, peço que nos contes tudo o que achares relevante do teu passado. Vamos utilizar essa informação para contactar outros Ninhos e tentar obter as respostas que procuras.

Marie senta-se ao pé de mim, desta vez segurando um *tablet*, em que digita cada palavra que digo. Anna permanece aos pés da cama, com as mãos entrelaçadas, escutando-me atenta.

Conto-lhes a história da minha família, indo ao máximo pormenor que consigo. Pedem-me informações sobre onde morávamos, com quem interagíamos, que profissões tinham os meus pais, entre outras coisas. Recolhem fotografias do meu telemóvel para que possam associar ao meu ficheiro e mais facilmente obter correspondências.

Quando chega a altura de falar sobre a sua morte, lamento mentalmente não ter esperado. Teria evitado repetir e sofrer uma vez mais com cada recordação. Desta vez não consigo segurar as lágrimas, deixando algumas escapar. Marie pousa uma mão no meu ombro, em sinal de conforto. Limpo as bochechas, esforçando-me para controlar os soluços enquanto falo.

A Máxima e Marie confirmam o que me disseram Alisha e Nicholas — os meus pais foram atacados por um vampiro, e eu fui salva por um elfo. Dizem que este dado pode ser crucial, pois é raro os elfos estarem longe da natureza, a não ser que tenham alguma missão. Por isso, irão também tentar descobrir quem me ajudou.

— E o vampiro? Há forma de o encontrarem? Penso que devo conseguir descrevê-lo com algum detalhe.

— Não penso que tal seja possível. De acordo com o teu relato, acredito que ele tenha morrido nessa noite. Existem certos elementos naturais criados especificamente para fragilizar ou mesmo matar os vampiros. Quase todos são provenientes de Zenix, e os espíritos da natureza são conhecidos por cultivá-los.

Absorvo esta informação, enquanto um sentimento que não consigo identificar me domina. Será satisfação? Não. Talvez justiça e alívio por saber que, ainda que nada possa trazer os meus pais de volta, pelo menos quem lhes fez mal não poderá magoar mais ninguém.

Face à minha falta de resposta, Anna continua:

— No entanto, e para ficares mais descansada, vamos investigar. Se conseguirmos encontrar o elfo, este certamente poderá dar-nos as respostas que procuramos.

— Isso seria ótimo. Muito obrigada.

— Não quero insistir neste assunto. Lamento que te tenhamos de obrigar a isto, Iris. Mas percebes a importância, certo? — Assinto, e ela prossegue. — Disseste que depois foste viver com a tua madrinha?

Relato o essencial da minha vida desde então, se bem que não há muito para contar. O mais relevante é a mudança de cidade, que me deixou mais perto deste Ninho.

Assim que se dá por satisfeita com as informações que lhe dei, Anna passa a explicar-me as minhas opções. Aparentemente, enquanto falava com os irmãos Bellator, houve uma reunião para discutir a minha presença, na qual foi aprovado que, quer eu, quer a minha irmã, poderíamos e deveríamos ficar aqui no Ninho, pelo menos enquanto investigam, e até descobrirem se temos familiares noutro.

A Máxima, no entanto, tranquiliza-me e diz que sabe que tenho uma família lá fora e que preciso de processar tudo o que descobri, e que não seria bom simplesmente arrastar a minha irmã para este mundo. Explica-me que, caso opte por me ir embora, terei de jurar não contar nada sobre os *geniis* a ninguém, nem mesmo a verdade sobre o meu ataque de hoje, por uma questão de segurança de todos os que aqui residem.

— Acho que está na altura de teres isto de volta. Afinal é teu. Já sabes o que faz, logo não o tires nunca — diz Anna, entregando-me o meu colar.

Seguro-o entre as mãos, analisando-o. É o mesmo colar de sempre,

contudo agora parece mais pesado e brilhante. Todo o significado que sei que tem faz-me vê-lo de forma diferente.

Coloco-o no pescoço, sentindo a vibração familiar ao tocar na minha pele.

— Vês como te reconhece? — pergunta Marie. — Está ligado a ti.

— É mesmo incrível... — murmuro, observando a medalha entre os dedos.

Como é possível que tenha tido um pedaço deste mundo sempre comigo, porém não soubesse absolutamente nada sobre a sua existência?

— Voltamos dentro de quinze minutos. Pensa bem — informa-me Anna.

Ambas saem, e eu recosto-me mais na cama. Olho para o teto e suspiro.

Já sei o que quero fazer, é o mais fácil para todos. No entanto, há uma parte curiosa e talvez egoísta em mim que me faz querer saber ainda mais e mais...